

NATUREZA DO HIPERTEXTO NO JORNALISMO DIGITAL EM DOIS SUPLEMENTOS PARA O PÚBLICO INFANTIL

Izabel Cristina Diniz/CEFET-MG
Leila Aparecida Anastácio/CEFET-MG

RESUMO: Com base em estudos do jornalismo digital e do hipertexto, este artigo apresenta uma reflexão sobre a produção de jornalismo on-line destinado ao público infantil. Os periódicos investigados foram o jornal *Folha de S. Paulo*, seção “Folhinha”, no portal do referido jornal, e o jornal *Estado de Minas*, seção “Guri”, no “*Blog do Guri*”. O objetivo geral desse estudo de caso é verificar a natureza do hipertexto, nesses suplementos, a partir das características propostas por Marcuschi (2001). Além disso, pretende-se averiguar se há adequação das práticas de produção ao público-alvo, bem como ao novo ambiente e suporte de informação (o ciberespaço). Os resultados demonstram que os ambientes investigados apresentam todas as características de um hipertexto; no entanto, em grau diferente.

PALAVRAS CHAVE: Jornalismo digital. Letramento. Hipertexto.

ABSTRACT: Based on studies of digital journalism and hypertext, this article focuses on the production of online journalism intended for children. The journals investigated were *Folha de S. Paulo*, “Folhinha” section, in the newspaper’s portal, and *Estado de Minas*, “Guri” [Kid]’s section, in the “Guri’s Blog”. The general objective of this case study is to verify the nature of hypertext in these supplements, according to the characteristics proposed by Marcuschi (2001). In addition, we intend to find out if the production practices are suitable for the target audience, as well as the new environment and supporting information (cyberspace). The results show that the environments investigated present all the characteristics of a hypertext, however, in different degree.

KEYWORDS: Online journalism. Literacy. Hypertext.

INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias de informação e comunicação (TIC) tem interferido em diferentes âmbitos na sociedade, principalmente nos setores que lidam com a divulgação de notícias e conhecimento. O crescente uso dos computadores e da *Internet* contribuiu para o surgimento de novos “formatos” de mídias (hipermídias), assim como de novos gêneros textuais. Sabe-se que as tecnologias digitais de informação e comunicação têm papel fundamental na formação de “novos” leitores, como também têm propiciado uma nova forma de textualização e novas condições de produção do conhecimento. Soares (2002), considerando a tela do computador como espaço de escrita e de leitura, entende que não traz apenas novas formas de acesso à informação, mas, também, novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de

escrever; enfim, um novo letramento; isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela.

O público ao qual se destina a seção infantil dos 2 (dois) jornais selecionados para a pesquisa pode ser considerado “nativo digital”. Os chamados nativos digitais, de acordo com Prensky (2001), são aqueles que “falam” com total desenvoltura uma língua digital de computadores, *games*, *Internet* e até *softwares*. Isso significa que pertencem a uma geração que nasceu após a inclusão do computador como item doméstico e como computador pessoal (PC). Franco (2009), a partir de uma metáfora de Pierre Lévy e levando em consideração os alunos, acredita que nativos digitais são aqueles que já nasceram em meio a tecnologias digitais, como o computador e a *Internet*.

Em relação ao jornalismo impresso e ao seu contato com as crianças, Faria (2002) afirma que a linguagem jornalística, cujo papel é fornecer informações em larga escala, oferece às crianças conhecimento linguístico fundamental não tão restrito que limite o crescimento linguístico delas e nem tão amplo que torne difícil ou inacessível o texto escrito. Diante disso, objetiva-se apontar elementos que comprovem a natureza do hipertexto e averiguar se há adequação das práticas de produção. A partir de um estudo de caso das seções infantis dos jornais *Folha de S. Paulo* (Folha.com) e *Estado de Minas*, espera-se verificar a contribuição desses periódicos para o aprendizado das crianças, se despertam a atenção para a questão da realidade e se provocam interesse para outras informações. Não é objetivo, aqui, discutir a questão de gêneros textuais na *web*; porém, ambos os objetos serão considerados, aqui, como gêneros digitais¹, cada qual com suas peculiaridades.

1 OBJETIVO E REFERENCIAL TEÓRICO

Neste artigo, apontam-se elementos que comprovam a natureza do hipertexto proposta por Marcuschi (2001) e se averigua se há adequação das práticas de produção ao público infantil (nativos digitais), bem como ao novo ambiente (o ciberespaço) e ao suporte (os aparatos tecnológicos). Para tanto, analisam-se os suplementos digitais destinados ao público infantil do portal de 2 (dois) jornais de grande circulação nacional. São eles: *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*. Ambos serão considerados, aqui, jornais com seções específicas para crianças; ou seja, têm suplementos e cadernos infantis de veículos de comunicação impressa ou digital. Quanto ao jornalismo digital, considera-se a definição de Pena (2008), citado por Magalhães (2011, p. 13), como a disponibilização de informações jornalísticas em ambiente virtual, o ciberespaço, organizadas, de forma hipertextual, com potencial multimidiático e interativo.

Para viabilizar essa discussão, adotamos o conceito de Verón (1997) para mídia: “meio de comunicação social é um dispositivo tecnológico de produção-reprodução de mensagens associado a determinadas modalidades (ou práticas) de recepção de mensagens ditas” (1997, p. 13). Esse dispositivo engendra, portanto, complexos processos de produção de sentidos no ato da leitura, e a leitura de hipertexto tem sido alvo de muitas pesquisas e dúvidas. Como afirma Ribeiro (2006):

[o] leitor de hipertextos, ao menos o dos hipertextos em ambiente digital, nasceu em um mundo de leituras extensivas, portanto não se aproxima do leitor de poucas possibilidades de tempos anteriores. Textos em profusão, em todos os lugares e suportes, são marca dos povos que estão em contato com a escrita e com o texto, já que vivemos inseridos em um

“sistema de mídias” (BRIGGS; BURKE, 2004 citados por RIBEIRO, 2006, p. 6).

Nessa discussão, não poderia faltar uma definição, ou pelo menos, uma tentativa de definição para hipertexto que, de alguma forma, compreende nosso objeto de estudo. A primeira ideia sugere que hipertexto é um novo formato de texto que se manifesta por meio do computador. Para Lévy (1993):

[t]ecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (LÉVY, 1993, p. 33).

A definição aqui apresentada, com características mais técnicas, não é a única, mas atende bem aos propósitos deste estudo. Para esse filósofo, o hipertexto também é considerado uma metáfora de um mundo sem barreiras, assumindo, assim, que tudo pode ser hipertexto, até mesmo uma biblioteca.

Marcuschi (2001) nos chama a atenção para a necessidade de se pensar uma tipologia de hipertexto e da dificuldade em fazê-lo. Uma proposta de tipologia apresentada por Marcuschi (2001) é a de Michael Joyce (1995), o qual identifica 2 (duas) categorias de hipertexto: exploratório e construtivo, cujas características distintivas básicas são estas:

- o hipertexto exploratório mantém a autoria original, permite aos usuários controlar as informações de interesse; permite, também, escolher o caminho a seguir. Isso sugere um parcial controle do usuário sobre o conteúdo, como se patenteia, por exemplo, *sites* oficiais do governo; e
- o hipertexto construtivo perde a autoridade do autor original e requer a capacidade de agir sobre as informações de interesse; permite adicionar informação ao conjunto de conhecimentos já disponibilizado. Isso sugere grande controle do usuário sobre o conteúdo, como se verifica, por exemplo, *sites* de opinião sobre determinado produto.

Sobre a natureza do hipertexto, Marcuschi (2001) enumera 7 (sete) características que fazem do hipertexto um hipertexto. São elas:

- I. não-linearidade: que aponta para a flexibilidade desenvolvida na forma ligações permitidas/sugeridas entre nós que constituem redes que permitem a elaboração de vias navegáveis (Nelson, 1991); a não-linearidade é tida como a característica central do hipertexto;
- II. volatilidade: o hipertexto não tem estabilidade (Bolter, 1991:31) e todas as escolhas são tão passageiras quanto as conexões estabelecidas por seus leitores; esta característica sugere ser o hipertexto um fenômeno essencialmente virtual, decorrendo daí boa parte de suas demais propriedades;
- III. topografia: o hipertexto não é hierárquico nem tópico, por isso ele é topográfico (Bolter, 1991:25); um espaço de escritura e leitura que não tem limites definidos para se desenvolver; esta é uma característica inovadora já que desestabiliza os frames de que dispomos para identificar limites textuais;
- IV. fragmentário: consiste na constante ligação de porções em geral breves com sempre possíveis retornos ou

- fugas; trata-se de uma característica bastante central para a noção de hipertexto que carece de um centro regulador imanente, já que o autor não tem mais controle do tópico e do leitor;
- V. acessibilidade ilimitada: o hipertexto acessa todo tipo de fonte, sejam elas dicionários, enciclopédias, museus, obras científicas, literárias, arquitetônicas etc. e, em princípio, não experimenta limites quanto às ligações que permite estabelecer;
- VI. multisemiose: este traço caracteriza-se pela possibilidade de interconectar simultaneamente a linguagem verbal com a não-verbal (musical, cinematográfica, visual e gestual) de forma integrativa, impossível no caso do livro impresso (BOLTER, 1991, p. 27);
- VII. interatividade: refere-se à interconexão interativa (BOLTER, 1991, p. 27) que, por um lado, é propiciada pela multisemiose e pela acessibilidade ilimitada e, por outro lado, pela contínua relação de um leitor-navegador com múltiplos autores em quase sobreposição em tempo real, chegando a simular uma interação verbal face-a-face; iteratividade: diz respeito à natureza intrinsecamente intertextual marcada pela recursividade de textos ou fragmentos na forma de citações, notas, consultas etc. (MARCUSCHI, 2001, p. 92-93)

De modo geral, ainda segundo Marcuschi (2001), tais propriedades do hipertexto o tornam um fenômeno estritamente virtual e descentrado. Isso não significa que o hipertexto é constituído por fragmentos textuais aleatórios. Sabe-se que o hipertexto exige do seu leitor maior controle cognitivo e informacional para a construção de sentido (o que pode gerar *stress* cognitivoⁱⁱ) e que, para que o hipertexto apresente absolutamente todas as propriedades descritas acima, não há como desvinculá-lo do virtual.

Em outro estudo, a partir da constatação das ações desempenhadas pelos leitores da *Web*, Nielsen (1997 *apud* COSCARELLI, 2006) apresenta 3 (três) instruções para quem escreve na *Web*, a saber:

- A) seja sucinto: não escreva mais de 50% do texto que você escreveria numa publicação impressa;
- B) escreva um texto para ser “escaneado”, não exija que os leitores leiam longos blocos de texto contínuo;
- C) use o hipertexto para separar informação muito longa em várias páginas. (NIELSEN, 1997 *apud* COSCARELLI, 2006, p. 78-79)

Essa mesma autora enumera as falhas mais comuns cometidas pelos *web designers*:

[...] incluir elementos constantemente animados; fazer páginas que não indicam a que site pertencem e que não dão acesso direto à página principal; usar barra de rolagem com textos longos; não fornecer suporte para a navegação, para que o usuário se localize no site e encontre o que procura lá; o uso de cores de forma não-padrão; informação desatualizada; tempo longo para download (COSCARELLI, 2006, p. 79).

Diante do exposto, percebe-se a importância de se elaborar conteúdo digital apropriado às exigências e expectativas do leitor frente à mídia escolhida, bem como ao ambiente e ao suporte (aparatos tecnológicos: PC e plataformas móveis). No caso desse estudo, considera-se como interativo somente o vínculo estabelecido entre sujeitos; porém, há outras vertentes que consideram interação como ações desempenhadas entre homem e máquina. Forma e conteúdo não se dissociam.

2 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO OBJETO

A realização desta pesquisa, de caráter exploratório, deu-se mediante um estudo de caso. Trata-se de um estudo em profundidade, a partir de 2 (dois) casos, de determinado objeto de interesse. A utilização desse método propõe estimular novas descobertas e provocar outras discussões sobre o assunto; e, de forma alguma, generalizar os resultados, nem esgotar o tema.

O caso analisado foi a seção *Folhinha*, no portal do jornal *Folha de S. Paulo* (Folha.com), e a seção Guri, do jornal *Estado de Minas*, no “*Blog do Guri*”. Ambas as seções em jornais digitais são destinadas ao público infantil. No ambiente virtual, os conteúdos vinculados ao “*Blog do Guri*” são atualizados semanalmente; já, na seção “*Folhinha*”, são atualizados diariamente. Em relação à versão impressa, não ocorre o mesmo, já que, assim como a seção “*Blog do Guri*”, a seção “*Folhinha*” também passa a ser editada semanalmente. A versão digital, com atualização diária, parece ser mais interessante, já que jornal supõe uma leitura diária e, não, semanal. O tipo de seção é interessante, uma vez que pressupõe contribuir para formar, desde a infância, leitores de jornal impresso ou digital.

O período de observação e coleta de dados foi compreendido entre as datas de 1º de outubro e 24 de novembro de 2011. Para viabilizar o processo de coleta, foi utilizado o agregador de conteúdo *RSS*ⁱⁱⁱ (*feeds*), padrão desenvolvido em linguagem XML que permite aos responsáveis por *sites* e *blogs* divulgar notícias ou novidades^{iv}, o qual gerencia conteúdo, busca informação pesquisada e agrega conteúdos de forma rápida e segura.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Os objetos selecionados para este estudo compreendem um *blog* e um *site* (portal de notícias), ambos com características específicas.

No caso do “*Blog do Guri*”, tem-se a possibilidade de participação ativa do público infantil, por meio de comentários e, também, da criação de um perfil no qual é possível adicionar-se como amigo e enviar o conteúdo do *blog* a outros sujeitos. Percebe-se, muito pelas próprias características desse gênero textual, certo controle do usuário sobre os conteúdos disponibilizados no *blog*. Podemos considerá-lo, então, como hipertexto construtivo, já que conta com a participação de seus leitores mirins na construção desse espaço. No caso da “*Folhinha*”, não há a possibilidade de intervenção dos leitores diretamente nos conteúdos vinculados ao *site*. Adicionalmente, há as possibilidades de se seguir a “*Folhinha*” no *Twitter* e de se enviar *e-mail*. Portanto, o *site* (portal de notícias) mantém a autoria original e permite aos leitores controlar, parcialmente, as informações. Podemos considerá-lo, então, como hipertexto exploratório, já que sugere controle parcial do usuário sobre seus conteúdos.

Em relação às características apontadas por Marcuschi (2001) como próprias da natureza do hipertexto, temos a não-linearidade como característica primeira do hipertexto. Essa característica pode ser facilmente identificada na seção “*Folhinha*”, porque o texto é constituído em redes, permitindo à criança a escolha de vias navegáveis, como mostra a figura abaixo:



Figura 1: Características de hipertexto no “Folhinha”
Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/>>.

Observe, na FIG. 2, que o “*Blog do Guri*” expõe o conteúdo de forma linear, em ordem cronológica decrescente; ou seja, o que é mais atual está no topo da página e o que é menos atual está no fim da página. Para se ter acesso ao conteúdo, basta utilizar a barra de rolagem. Somente na lateral, no início da página, existe a possibilidade de outras entradas no hipertexto. Assim, a criança cria seu próprio caminho de leitura, sem ser “obrigada” a seguir um trajeto pré-determinado.



Figura 2: Características de hipertexto no “*Blog do Guri*”
Fonte: <<http://www.dzai.com.br/guriblog/blog/guriblog>>

Comparando os 2 (dois) suplementos, percebe-se que o *site* da “Folhinha” oferece mais entradas de leitura que o “*Blog do Guri*”. Isso sugere que, de alguma forma, o “*Blog do Guri*” é mais linear que a “Folhinha”, apesar de ambos apresentarem uma não-linearidade.

Em relação à segunda característica, a volatilidade, não encontramos, nos dados analisados, item que a confirme; porém, ambos os suplementos apresentam a possibilidade de

consulta a conteúdos antigos, por meio de uma ferramenta de busca disponibilizada tanto na “Folhinha” quanto no “Blog do Guri”, possibilidade oferecida pelo hipertexto.

A seção “Folhinha” disponibiliza, ao final da página, *links*, em ordem decrescente, constando as datas e os horários em que foram postados os conteúdos, para posterior acesso (FIG. 3) dos leitores. O “Blog do Guri” também disponibiliza conteúdos antigos, acessíveis pelo *link* “Meus Arquivos”, organizado em pastas por ano e mês (FIG. 4). Assim, os pequenos leitores podem acessar qualquer conteúdo, no momento que desejarem. Entendemos, então, que a natureza volátil do hipertexto, que, para Marcuschi, são escolhas passageiras quanto às conexões estabelecidas pelos leitores, está mais para a questão de fácil atualização do conteúdo do que para o seu acesso, pois, como se expôs, qualquer conteúdo pode ser recuperado.



Figura 3: Natureza volátil do hipertexto na “Folhinha”.

Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/>>.



Figura 4: Natureza volátil do hipertexto no Blog do Guri

Fonte: <<http://www.dzai.com.br/guriblog/blog/guriblog>>.

A terceira característica, a topográfica, refere-se à ausência de hierarquia e de topicidade, em um espaço de escrita e leitura sem limites. Isso pode ser facilmente verificado nos suplementos em estudo (rever FIG. 1 e 2), pois ambos oferecem acessos, por meio de *links*, a outros *sites*, *blogs* e outros ambientes. Além disso, no caso do “*Blog do Guri*”, pode-se atuar na construção do hipertexto, com a postagem de comentários, *links*, textos e outros. Parece haver um espaço infinito para construção do texto, sem necessidade de se estabelecer um limite textual. O mesmo ocorre com a “*Folhinha*”, na qual pode-se postar, teoricamente, uma quantidade infinita de conteúdo; sendo que uma única matéria jornalística pode conter inúmeros *links* que levem a outros textos. Nesse caso, o que os diferencia é que, na “*Folhinha*”, somente as pessoas da redação do jornal podem alterar, acrescentar e remover conteúdo, ou seja, os redatores controlam o “espaço”; já, no “*Blog do Guri*”, os pequenos leitores podem participar, de forma mais ativa, na construção do conteúdo do *blog*; isto é, tanto os redatores quanto os leitores controlam o “espaço”.

A quarta característica, o hipertexto é fragmentário, ou seja, constante ligação de porções, em geral, breves, com sempre possíveis retornos ou fugas, é facilmente verificada em ambas as seções, pois o conteúdo é exposto, tanto no “*Blog do Guri*” quanto na “*Folhinha*”, de forma fragmentada; ou seja, o texto é organizado em blocos de informações (rever FIG. 1 e 2). Na “*Folhinha*”, o conteúdo é organizado em seções, como, por exemplo, a seção denominada “*Prateleira*”, na qual tem-se entrevista com autores de livros infantis. As matérias jornalísticas são disponibilizadas, nesse *site*, em forma de pequenos “blocos”, dentro de cada seção, nos quais destacam-se título e imagem. Já, no “*Blog do Guri*”, não há organização por seções: o conteúdo é postado no *blog*, sem se vincular a um segmento específico. As matérias jornalísticas são disponibilizadas, no *blog*, em ordem decrescente, como grandes blocos de textos, um seguido do outro. Os comentários dos leitores, por exemplo, formam um “bloco” e, de alguma forma, estão ligados à porção maior, que corresponde à matéria vinculada no *blog*. Visivelmente, os campos denominados “comentar”, ler comentários e envie para amigo (a)” lembram um pequeno bloco.

Em relação à acessibilidade ilimitada, quinta característica, ou seja, o acesso a todo tipo de fonte, encontram-se, no suplemento “*Folhinha*”, por exemplo, vídeos (seção “*Vídeos*”), áudio

(na seção “Rádio”) e álbum de fotos (na seção “Galerias”). O “*Blog do Guri*” também utiliza-se de tais recursos midiáticos, mas, durante o período investigado, não foi postado vídeo algum, somente algumas fotos do *game* “Mario Bros” (cf. FIG. 5 e 6):



Figura 5: Acessibilidade ilimitada no site da “Folhinha”.

Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/>>.



Figura 6: Acessibilidade ilimitada no “*Blog do Guri*”.

Fonte: <<http://www.dzai.com.br/guriblog/blog/guriblog/>>.

A sexta característica apontada por Marcuschi (2001), a multissemiose, refere-se à possibilidade de se interconectar, simultaneamente, as linguagens verbal e não verbal. Averigua-se que, em ambos os suplementos, há integração de símbolos imagéticos. Na “Folhinha” encontra-se, também, as linguagens musical e cinematográfica. Em todos os conteúdos coletados no período estipulado para observação, há pelo menos uma imagem vinculada ao texto. No caso do universo

infantil, é desejável que isso seja amplamente explorado (cf. FIG. 5 e 6).

Por fim, a sétima e última característica refere-se à interatividade. No caso do “*Blog do Guri*”, verifica-se maior grau de interação, uma vez que permite postar comentários, vídeos, fotos, *links*, incluir amigos, e outras possibilidades. Já, na “*Folhinha*”, também há interconexão interativa, só que em menor grau. Os leitores podem enviar, por exemplo, comentários e fotos por *e-mail*. A natureza da interação proporcionada às crianças em cada suplemento é diferente, pois, no “*Blog do Guri*”, ela acontece em tempo real; ou seja, é sincrônica; já, na “*Folhinha*”, ela acontece de forma assíncrona. Seguem exemplos (FIG. 7 e 8):



Figura 7: Exemplo de Interatividade no site da “Folhinha”

Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/>>.

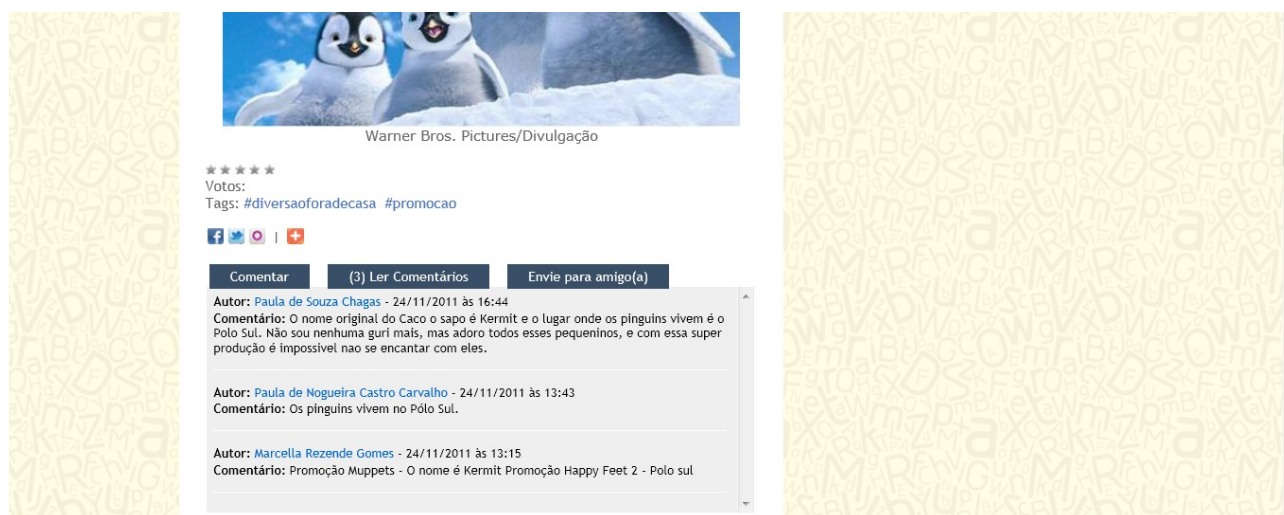


Figura 8: Exemplo de Interatividade no “Blog do Guri”.

Fonte: <<http://www.dzai.com.br/guriblog/blog/guriblog>>.

Observa-se, nas FIG. 7 e 8, que a participação dos leitores, as crianças, muitas vezes se dá graças à ajuda e ao incentivo dos pais. Como já registrado, a interação, na “Folhinha”, não acontece em tempo real. Já, no “*Blog do Guri*”, existe essa possibilidade.

Em relação ao que é mais apropriado à produção do hipertexto, foi observado, em ambas as seções, que o texto escrito pode ser “escaneado”, conforme recomendação de Nielsen (citado por COSCARELLI, 2006). Os textos não são longos; pelo contrário, são bem sucintos e com linguagem apropriada ao universo infantil. Geralmente, todo conteúdo está em uma única página da *web*, não sendo necessário o uso exaustivo da barra de rolagem do computador.

Sobre os enganos mais comuns cometidos por *web designers*, averiguou-se que, em ambos os jornais: há pouca ou quase nenhuma inclusão de elementos animados; a barra de rolagem é pouco usada para se ter acesso às informações (exceto no “*Blog do Guri*”, devido à sua formatação), além do excesso de publicidade no *site* da “Folhinha”. Importante destacar que a publicidade está destinada ao público adulto e que, muitas vezes, se mistura ao conteúdo do portal de notícias.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069/1990 (BRASIL, 1990), estipula criança o indivíduo que esteja na faixa etária que corresponde ao período do nascimento até os 12 (doze) anos. Para o jornalismo, a criança é aquela que já sabe ler, então, o grupo dos leitores mirins varia de idade entre 6 (seis) e 11 (onze) anos e, em cada faixa etária compreendida nesse intervalo, há necessidades específicas para se fazer um jornalismo claro e interessante. Ambos os suplementos abordam temas de interesse das crianças, tendo em vista a adequação à linguagem infantil e, também, questões como a receptividade do público mirim; a atração que pode existir entre criança e reportagem; a apresentação do conteúdo; e a escolha da palavra certa para o público certo, averiguou-se problema somente em relação à receptividade do público infantil, que é baixa, em ambos os jornais. Isso pode ser confirmado pela baixa participação das crianças nos 2 (dois) ambientes. Além disso, há evidência de que os *sites* são acessados pelos pais e não diretamente pelas crianças.

Os suplementos selecionados têm como principal objetivo a divulgação de eventos e produtos infantis (principalmente, o “*Blog do Guri*”). A informação com o objetivo de formar leitores críticos fica em segundo plano.

Em relação à adequação da produção ao suporte, verificou-se, no caso da “Folhinha”, um espaço pouco explorado; ou seja, o *site* mantém muito evidente o vínculo com a página principal da *Folha de S. Paulo*, com uma quantidade exagerada de *links*, com inúmeras entradas para a página principal do referido jornal, o que pode interessar aos pais, mas não às crianças. Além disso, a quantidade de publicidade direcionada ao público adulto, em um ambiente destinado a crianças, torna o *site* cansativo, até poluído, como as grandes cidades. Parece que há padronização do espaço, pois o conteúdo destinado ao público adulto segue o mesmo padrão de organização do conteúdo exposto na página da “Folhinha”. O espaço poderia ser melhor organizado; tem-se a impressão de que os *links* que levam às matérias jornalísticas estão todos espremidos em um pequeno espaço, pois contém tanta informação, *links* e propagandas, que o torna visivelmente confuso e cansativo. Marcuschi (2001) refere-se a isso como *stress* cognitivo. Há exigência demasiada ao leitor para ler o ambiente (a página principal), a qual não é possível “escanear”, como propõe Nielsen (citado por COSCARELLI, 2006). Considerando-se um público infantil, o ambiente é pouco atrativo, devido ao que foi apontado.

No caso do “*Blog do Guri*”, verificou-se que o ambiente é pouco explorado, pois utiliza poucos recursos da hipermídia para chamar a atenção das crianças e, também, para promover

interação. No entanto, parece que cumpre bem o seu papel de divulgar eventos infantis.

Sabe-se das dificuldades de se fazer um jornalismo de qualidade para um público tão específico quanto o público infantil. Não podemos ignorar que esse público está em fase de formação leitora e que tem demonstrado facilidade para adquirir habilidades na área de Informática e no manuseio das tecnologias de informação e comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de caso demonstrou que os suplementos “Folhinha” e “Blog do Guri” apresentam todas as características que fazem do hipertexto um hipertexto. No entanto, com graus de diferença; isso talvez se explique por se tratarem de gêneros digitais com suas peculiaridades. Seria interessante investigar a natureza do hipertexto levando-se em consideração os gêneros textuais. Possivelmente, isso nos daria pistas sobre como adequar a produção ao público-alvo, bem como ao novo suporte de informação (o ciberespaço).

O fato de um hipertexto apresentar as 7 (sete) características propostas por Marcuschi (2001) não garante o sucesso de um *site* (portal de notícias) ou de um *blog*. Verificou-se que é necessário algo mais. Por isso, o estudo por meio dos gêneros nos parece mais apropriado. Sugere-se que, a título de exemplo, o *site* direcionado ao público infantil, que também tem por objetivo informar e divulgar eventos, o *site* “Plenarinho”. Tal *site* foi elaborado, a pedido da Câmara dos Deputados, com o objetivo de informar as crianças sobre o trabalho desse órgão governamental, bem como de envolvê-las em futuras discussões políticas.

Conforme apontado no estudo, ambos os suplementos podem adequar melhor a produção ao seu espaço digital, sem ignorar que seu público-alvo é formado por nativos digitais e que, apesar das dificuldades de se produzir suplemento jornalístico para essas crianças, que são muito exigentes em termos de uso das tecnologias, isso é possível.

REFERÊNCIAS

BLOG do Guri. *Estado de Minas*, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.dzai.com.br/guriblog/blog/guriblog>>. Acesso em: 27 nov. 2011.

BOLTER, J. D. *Writing Space: The Computer, Hypertext, and the History of Writing*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1991 citado por MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. *Revista Linguagem e Ensino*, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Diário de Oficial da União*, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm>. Acesso em: 28 ago. 2012.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet*. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004 citado por RIBEIRO, Ana Elisa.

Leituras sobre hipertexto: trilhas para o pesquisador. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA E I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 11., Uberlândia, nov. 2006. *Anais...* Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Leituras%20sobre%20hipertexto.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2011.

CÂMARA dos Deputados: *Plenarinho: o jeito criança de ser cidadão*. Disponível em: <<http://www.plenarinho.gov.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Entre textos e hipertextos. Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 65-84.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. *O jornal na sala de aula*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

FOLHINHA. *Folha de S. Paulo*, São Paulo. Seção. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/>>. Acesso em: 27 nov. 2011.

FRANCO, Carlos Paiva. *O uso de um ambiente virtual de aprendizagem no ensino de inglês: além dos limites da sala de aula presencial*. Dissertação (mestrado do Programa de Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada). UFRJ. 1999. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/linguisticaaplicada/docs/dissert/claudiofranco.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2012.

JOYCE, M. *Of Two Minds. Hypertext Pedagogy and Poetics*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1995.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MAGALHÃES, Davi de Castro de. *Papéis do público na produção de conteúdo digital: um estudo de caso da Folha.com*. 2011. 74f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Departamento de Jornalismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/3667/1/2011_DaviDeCastroDeMagalhaes.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. *Revista Linguagem e Ensino*, Pelotas, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

MELO, Nicéia Maria de Figueiredo Souza. *Novas práticas de linguagem e novos letramentos: a cultura da escrita através da transposição dos gêneros textuais impressos para o digital*. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH-Ba, 5., Salvador. *Anais*. Salvador: ANPUH, 2010. Disponível em: <http://www.anpuhba.org/anaisvencontro/N/Niceia_Maria_de_Figueiredo_Souza_Melo.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2012.

NELSON, T. H. *Opening Hypertext: A Memoir*. In: TUMAN, M. C. (Ed.). *Literacy online: the promise (and peril) of reading and writing with computers*. London: The University of Pittsburgh Press, 1992. p. 43-57.

NIELSEN, J. *Be succinct!*, 1997 *apud* COSCARELLI, Carla Viana (Org.). Entre textos e hipertextos. *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 79.

PENA, F. *Teoria do jornalismo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PLENARINHO. Disponível em: <<http://www.plenarinho.gov.br>>.

PRENSKY, Marc. *Digital natives, digital immigrants parts I & II. On the Horizon*, v. 9, n. 5, Jun. 2001. Disponível em: <<http://www.albertomattiacci.it/docs/did/Digital Natives Digital Immigrants.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2011.

RIBEIRO, Ana Elisa. Leituras sobre hipertexto: trilhas para o pesquisador. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA E I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 11., Uberlândia, nov. 2006. *Anais...* Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Leituras%20sobre%20hipertexto.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2011.

RICHARDSON, W. *RSS: a quick start guide for educators*. 2005. Disponível em: <<http://weblogg-ed.com/wp-content/uploads/2006/05/RSSFAQ4.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2011.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2012.

TUMAN, M. C. (Ed.). *Literacy online: the promise (and peril) of reading and writing with computers*. London: The University of Pittsburgh Press, 1992.

VERÓN, E. Esquema para el análisis de la mediatización. *Revista Diálogos de la Comunicación*. Lima (Peru), n. 48, p. 9-17, 1997.

- i Melo (2010), em trabalho sobre novas práticas de linguagens, entende gêneros digitais como novas modalidades de gêneros textuais, surgidas com a *Internet*, dentro do hipertexto, permitindo a comunicação e a interação entre 2 (duas) ou mais pessoas, mediadas pelo computador. A *Internet* veio inaugurar uma forma significativa de comunicação e de uso da linguagem. Os principais gêneros virtuais utilizados para essa comunicação são: os *e-mails*, os *chats* ou salas de bate-papo, as listas de discussão, os *weblogs (blogs)*, etc..
- ii Segundo Marcuschi (2001), o hipertexto exige maior grau de conhecimentos prévios e maior consciência do que se busca como objetivo de leitura. Essa sobrecarga exigida do leitor de hipertextos é denominada, por ele, de *stress* cognitivo. Basta saber se o *stress* cognitivo também ocorre com os nativos digitais.
- iii Saiba mais em: RICHARDSON, W. *RSS: a quick start guide for educators*. 2005. Disponível em: <<http://weblogg-ed.com/wp-content/uploads/2006/05/RSSFAQ4.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2011.
- iv INFOWESTER. Disponível em: <<http://www.infowester.com/rss.php>>. Acesso em: 26 ago. 2012.
- v PLENARINHO. Disponível em: <<http://www.plenarinho.gov.br>>.